Revista África e Africanidades, Ano XVI, ed. 47-48, ago. a nov. 2023 – ISBN 1983-2354
www.africaeafricanidades.com.br

# DESCOLONIZAÇÃO DA PSICOLOGIA BRASILEIRA

Carla Fernanda de Lima[1]
Deivison Warlla Miranda Sales[2]
Juliana Vitória Galeno da Silva[3]
Geice Maria Pereira dos Santos[4]
Jordôa Moreira Leite[5]

**RESUMO:** O presente artigo se configura como um estudo teórico que busca refletir sobre as máscaras coloniais da Psicologia e a importância do resgate de epistemologias afrorreferenciadas para a sua descolonização enquanto ciência e profissão. Apoiando-se, principalmente, em um referencial africano, afro-americano, afro-brasileiro e indígena desenvolvemos um debate teórico que resgata a influência da Escola Nina Rodrigues e dos modelos científicos eurocentrados e universalizantes na história da Psicologia brasileira e discute como as Epistemologias Afrorreferenciadas podem auxiliar na compreensão das subjetividades negras e na descolonização da Psicologia. É de fundamental importância que a (o) psicóloga (o) compreenda que os negros brasileiros se tratam de pessoas africanas em diáspora que passaram por um intenso processo de embranquecimento, apagamento de pluriversalidades e de singularidades, exclusão e subalternização e que isso gera especificidades na subjetividade negra, bem como é necessário o conhecimento e reconstrução das narrativas de potencialidades negras. A partir do estudo, propomos, portanto, o resgate de epistemologias afrorreferenciadas como lentes teórico-metodológicas que promovam a descolonização em termos teóricos e práticos da Psicologia.

**PALAVRAS-CHAVE:** Racismo, Formação do Psicólogo, Epistemologias Afrorreferenciadas.

## *DECOLONIZATION OF THE BRAZILIAN PSYCHOLOGY*

**ABSTRACT:** This article concerns a theoretical study that aims to reflect on the colonial masks of Psychology and the importance of the rescue of Afro-referenced epistemologies to its decolonization as a science and profession. Relying mainly on a African, Afro-American, Afro-Brazilian and Indigenous theoretical framework, we developed a theoretical debate that reintroduces the influence of the school of thought Nina Rodrigues and the Eurocentered and universalizing scientific models in the history of Brazilian Psychology and discusses how the Afro-referenced epistemologies can help in understanding the black subjectivities and the decolonization of Psychology. It is of fundamental importance that psychologists understand that black Brazilians are African people in diaspora that have gone through an intense process of racial whitening, deletion of pluriversalities and singularities, exclusion and subordination and that it creates specificities in the black subjectivity, as well as it is necessary the awareness and the rebuilding of the narratives of black potentialities. From the study, we propose, therefore, the rescue of Afro-referenced epistemologies as theoretical and methodological lenses that promote the decolonization in theoretical and practical terms of Psychology.

**KEYWORDS:** Racism, Psychologists' academic background, Afro-referenced epistemologies.

## 1. As máscaras coloniais da Psicologia

[1] Doutora em Psicologia Social pela Universidade Federa da Paraíba (UFPB). Professora adjunta da Universidade Federal do Delta do Parnaíba.
[2] Mestre em Psicologia pela Universidade Federal do Delta do Parnaíba. Atua como Psicólogo e Supervisor Clínico na área de Saúde Mental
[3] Graduanda em Psicologia pela Universidade Federal do Piauí.
[4] Mestra em Psicologia (PPGPsi – UFDPar. Atualmente é coordenadora do grupo em Filosofia e Epistemologias Africanas e Afrodiáspóricas, grupo ligado ao Núcleo de Estudos em Gênero, Raça, Classe e Trabalho (NEGRACT), vinculado a UFDPar.
[5] Bacharela em Psicologia pela Faculdade Pitágoras- MA (2018). Mestra em Políticas Públicas pela Universidade Federal do Piauí - UFPI. Professora substituta na Universidade Estadual do Maranhão no campus Caxias.

Por serem submetidas a um constante processo de desumanização pessoas negras se encontram descartadas como sujeitas de suas histórias, dos saberes, das práticas, colocadas em uma condição de outridade abjeta (Kilomba, 2019) marginalizadas e invisibilizadas por uma ciência universal oriunda do colonialismo, que além de negar a intelectualidade, descredencia os conhecimentos africanos, afroamericanos, afrobrasileiros e indígenas, considerando não-credível tudo o que foge da razão dominante, anunciando morte para todo conhecimento que não está dentro da realidade do centro do sistema mundo (ocidente), um processo reconhecido como epistemicídio.

A Psicologia foi historicamente sustentada em pensadores brancos, europeus e se fez universal, não dando conta e estando pouco interessada em compreender a subjetividade de pessoas não-brancas, pois, tendo bebido da eugenia, auxiliou na naturalização da inferioridade da raça negra, e foi historicamente aliada do racismo científico e estrutural. Quando vivenciamos a falsa abolição da escravatura, a Psicologia estava usando os corpos pretos para legitimar o racismo e se fortalecer enquanto ciência.

Na literatura sobre a questão racial brasileira, o marco inicial dos trabalhos médico-psicológicos se deu, em meados do séc. XIX, com Raimundo Nina Rodrigues (1862–1906) que foi um médico, psiquiatra, antropólogo, que teve seus seguidores e discípulos, e influenciou os estudos na Psicologia Social. Nina Rodrigues trazia as consequências sociais "perversas" que a manutenção do convívio com pessoas da raça negra poderia acarretar para a sociedade brasileira, com um discurso que sugeria que controlasse o "elemento negro" na sociedade, acarretando, inclusive, uma difusão de temáticas que justificavam o racismo científico (Schucman & Martins, 2017).

Nina Rodrigues era contra a mestiçagem entre indígenas, negros e brancos no Brasil, o que colocava, portanto, os mestiços como raças inferiores. Era uma forma de controlar a miscigenação do povo brasileiro. Promoveu, assim, estudos hierarquizando o povo negro, colocando ordem de importância entre os povos vindo de África para o Brasil. Havia um agravante que dava ainda mais "credibilidade" às ideias difundidas por Nina Rodrigues: ele frequentava o candomblé (uma religião de matriz africana), chegou a ter cargo de importância reconhecida no terreiro, além disso combatia a violência policial e invasão dos terreiros (Oliveira, 2021). Esse paradoxo fortalecia ainda mais o lugar de fala de Nina, pois suas ideias se difundiram como algo estritamente de caráter científico, teoricamente desvinculado de concepções pessoais e racistas. Nina Rodrigues teve, portanto, um papel fundamental no processo de hierarquização e extermínio do povo negro, pois ao colocar o negro como perigoso, com atraso físico, mental e cultural e com tendência biológica para o crime, estabelecia estratégias sociais, políticas, jurídicas, culturais e econômicas de eliminação do elemento negro, inclusive evitando o contágio e disseminação que a miscigenação poderia provocar à sociedade brasileira.

A Psicologia Brasileira bebeu das elaborações da Escola Nina Rodrigues, do Evolucionismo Social e dos modelos científicos eurocentrados e se ergueu historicamente a partir de um modelo médico-psicológico que sustentava a ideia de que aspectos culturais, raciais e sociais eram fatores (para além dos biológicos) que determinavam o grau de evolução do ser humano, considerando, portanto, raças humanas compostas pelos europeus (brancos) como mais civilizadas e superiores, em oposição aos negros, indígenas e indianos que eram considerados selvagens, marginais, perigosos, inferiores e atrelados à loucura e ao patológico. Não à toa, as abordagens psicológicas que ainda predominam no Brasil como universais na compreensão e intervenção frente à saúde mental estão

arraigadas aos pensadores europeus e brancos que partiram de um paradigma moderno ocidental, com um modelo racional, positivista, universal e colonial.

É de fundamental importância que a Psicologia se questione qual é o seu lugar hoje na manutenção e legitimação opressões práticas de dominação e hierarquização direcionadas historicamente às pessoas negras. Esse questionamento é um exercício constante na nossa atuação profissional, em especial no dispositivo de saúde a que nossa prática se vincula, pois partimos da concepção de que se fundamentar em um imperialismo epistemológico ocidental branco colonial frente a subjetividades diversas é manter as desigualdades e o assujeitamento de pessoas pretas e racializadas em nossa sociedade.

Outra indagação importante é: como a Psicologia poderá retirar as máscaras coloniais de silenciamento historicamente colocadas (inclusive por ela mesma) nas bocas dos sujeitos negros? Durante a escravização a máscara era um objeto de metal colocado no interior da boca da negra(o) (entre a língua e a mandíbula) e fixado por detrás da cabeça com duas cordas (uma em torno do queixo, outra do nariz e da testa), que servia para implementar o senso de mudez, tortura e de medo nas negras(os) escravizadas(os) (Kilomba, 2019). Várias são as instituições que mantêm essa máscara. A Psicologia ainda é uma delas.

Ser protagonista na retirada da máscara da(o) negra(o) e promover saúde mental para a pessoa negra se faz por várias frentes. É urgente e necessário um diálogo simétrico sobre subjetividades de contextos e culturas diversos (para além do europeu e estadunidense); um resgate à cultura africana, afro-brasileira e indígena - território desterritorializado pelo escravismo criminoso e pela diáspora forçada (Oliveira, 2021); o considerar saúde abarcando dimensão da espiritualidade, historicamente negada pela colonização e pelo racismo estrutural; o letramento étnico-racial por parte de psicólogos, a fim de que haja a problematização, construção, desconstrução e descolonização do conhecimento e das intervenções e a compreensão acerca das peculiaridades e especificidades que a subjetividade negra apresenta.

Torna-se fundamental, portanto, produzir outras epistemes que respeitem a diversidade, as possibilidades e pluriversalidades, que supere o discurso homogeneizante e universal, que promova um conhecimento afrorreferenciado a partir de traçados, invenções, criações de devires negros, sendo necessário, portanto, denegrir, escurecer, tornar o pensamento negro, reativando as forças próprias de um devir negro-africano (Kilomba, 2019), a fim de superar a imposição da universalidade do conhecimento eurocentrado e só assim possibilitar fundamentos para uma prática contextualizada na Psicologia frente à realidade da(o) negra(o).

## 2. Como a universalidade e o eurocentrismo tem funcionado na Psicologia?

A Psicologia, tal qual é ensinada hegemonicamente nas universidades, surge historicamente como um ramo da Filosofia ocidental, portanto, suas raízes derivam da universalidade do conhecimento eurocêntrico. Desde o surgimento da humanidade a busca da compreensão de si e do meio tem movido o ser humano, no entanto credita-se à Grécia o surgimento da Filosofia. O projeto de dominação do ocidente tenta apagar a contribuição de pensadores africanos na produção de conhecimento filosófico e de outras ciências. A Filosofia Africana existe desde um passado que antecede as definições da filosofia grega. O que teria acontecido para o apagamento e silenciamento das ciências Keméticas, uma vez que sua origem é mais antiga que a Grega?

Filosofias africanas, orientais, indígenas, afrobrasileiras, saberes dos povos tradicionais e negras(os) são marginalizados e tidos como conhecimentos do senso comum, que não são válidos por não serem científicos, sendo deixados de lado nas grades curriculares da maioria dos espaços de saber, uma vez que nosso país bebe majoritariamente do conhecimento europeu, branco e colonial.

Se considerássemos os primeiros espaços de formação existentes, novamente partiríamos do continente africano, berço da humanidade, tendo as escolas Keméticas, chamadas de *per ānkh, os* locais utilizados para o ensino de todos os grupos sociais por parte de escribas e sacerdotes, pais ou vizires (Moraes, 2019). No entendimento atual as *per ānkh* seriam as escolas e os sacerdotes os professores.

Por que não temos acesso a essas informações? O epistemicídio não permite. O projeto do ocidente de extermínio e de apagamento dos saberes dos povos que foram escravizados não autoriza a difusão desses conhecimentos e a reparação do povo negro. A universalidade imposta pelo eurocentrismo contribui, portanto, para o descarrilamento do reconhecimento dos saberes dos povos que vivem no eixo oposto ao da Europa. Nobles (2009) aponta a compreensão do descarrilamento ontológico para enfatizar a condição para as caminhadas das vidas negras distantes de suas *agências*, devido ao processo de sequestro de África pelo ocidente, sendo que por mais que o trem siga andando fora de seus trilhos, tende a seguir de forma desastrosa, isto é, seguindo caminhos menos significativos e de constante processo de banzo (Njeri & Aziza, 2020).

A Europa com suas inúmeras violências do antes e do hoje, contribui para o genocídio ao longo da história do povo negro e segue em muitos espaços da sociedade bem estruturados nas limitações de acesso e direitos e com afetações em diversas dimensões de suas vidas, como a espiritualidade, a economia, a filosofia, e a educação. Um trauma secular de violências e reproduções destas, tanto por parte da linhagem privilegiada branca dos colonizadores, quanto pelo colonizado que muitas vezes não tem acesso a verdadeira história do seu povo, sucumbindo ao desejo de morte, destruição e de alienação do branco.

A Psicologia é compreendida enquanto ciência e profissão, o que torna imprescindível direcionar o olhar para a prática psicológica e como ela tem se estabelecido. Veiga (2019) destaca que a Psicologia possui cor e ela é branca, tendo a sua prática pensada para pessoas brancas, o que não é surpresa, uma vez que as teorias que embasam a prática psicológica são colonizadas, eurocêntricas e brancas. Assim, o fazer da Psicologia se embasa na compreensão da subjetividade da figura do branco, transmitindo a ideia de universalidade do sofrimento humano. Essa ideia, segundo Veiga (2019) se estabelece pelo entendimento de que somente o conhecimento que advém do colonizador é válido e importante e que ele pode ser utilizado como parâmetro para compreender todos os outros povos, evidenciando a colonização do pensamento que permeia as práticas dentro da Psicologia.

No Brasil, um grande entrave para avanços nas diversas áreas do conhecimento, como as humanas e sociais, é o mito da democracia racial, que parte de uma ideologia que proclama uma realidade onde a relação entre brancos e não brancos é harmoniosa e igualitária, caracterizando o Brasil como um verdadeiro paraíso racial. E essa compreensão universal torna-se extremamente excludente e danosa, uma vez que ignora a realidade de desigualdades e vulnerabilidades de não-brancos e desconsidera as diferenças, pluriversalidades e as singularidades existentes em povos não-brancos.

Ante esse fato, Souza (2018) ressalta a relevância de estudar questões raciais dentro da Psicologia, uma vez que o racismo impacta diretamente na saúde mental da(o) negra(o).

Negar esse fato é perpetuar uma violência que é histórica. Posto tal, existe a necessidade de que os psicólogos compreendam o sujeito negro a partir do lugar que foi a ele destinado socialmente, apartando-se da singularização do sofrimento e compreendendo-o enquanto dor que atravessa a vida de um povo.

Os profissionais possuem dificuldades em considerar as questões raciais, pois há uma lacuna na formação, que e não possibilita o acesso à teoria e as ferramentas que poderiam ajudar no manejo de questões ligadas à raça. Dessa forma muitos profissionais enxergam o racismo como algo que não deve ser discutido, a não ser que o paciente traga a tona especificamente questões relacionadas ao racismo, assim não é considerado uma categoria de análise na psicologia.

A ideia de que o racismo não deve ser abordado e levado em consideração como um fator que produz sofrimento ao povo preto reforça o que Kilomba (2019) apresenta em seu livro Memórias da Plantação, onde destaca que o racismo cotidiano se apresenta como uma realidade que gera traumas e que é negligenciada. Portanto o saber psicológico ainda contribui com a desumanização da(o) negra(o), negando o seu sofrimento e não demonstrando interesse em se apartar do saber branco, colonial e europeu.

E para que essa realidade seja transformada é fundamental que outros saberes também sejam considerados no fazer da Psicologia, introduzindo discussões e produções que possam contribuir para a extinção de uma prática universal e colonizada. Entrar em contato com visões tão plurais proporciona uma prática psicológica que não queira adequar os sujeitos a teorias universais, mas que os compreendam a partir de suas vivências e formas de organização.

E para que essa prática se torne realidade é necessário entrar em contato com referências que se distanciam do saber eurocêntrico, promovendo o suleamento do conhecimento dentro da Psicologia, pois é uma estratégia de resistência à colonialidade, pois busca referenciais contextualizados para a análise de sujeitos negros. Logo se torna imprescindível uma mudança epistemológica que possa embasar uma prática psicológica libertadora e que não produza ou reproduza ainda mais sofrimento, estigmatização e silenciamentos.

A inclusão de autoras(es) negras(os) e indígenas nas grades curriculares dos cursos de Psicologia se mostra uma ferramenta fundamental e eficaz para a produção de uma Psicologia condizente com a realidade nacional. Souza (2021) aborda, em sua obra Tornar-se Negro, a necessidade de compreender os impactos emocionais na vida da(o) negra(o) brasileira(o) que vive em uma sociedade cujos valores são brancos, destacando a importância da(o) negra(o) falar sobre si mesmo, como afirma Kilomba (2019) para deixar de ser objeto e se tornar sujeito. A autora aponta ainda que sua obra também está comprometida com a recriação de potencialidades, produzindo assim o resgate de uma história que foi negada (Souza, 2021). Esse resgate também se aplica a história dos povos originários, que sofrem com o apagamento de sua cultura, uma vez que o conhecimento geral acerca dos povos pindorâmicos (indígenas), sempre se deu através da narrativa do colonizador. Munduruku (2018) apresenta a escrita indígena como uma ferramenta que possibilita um reencontro com os saberes ancestrais e a reafirmação de povos historicamente massacrados.

Dessa maneira entrar em contato com o que autoras(es) negras(os), indígenas e decoloniais estão produzindo é essencial para a elaboração de uma prática psicológica comprometida socialmente com a pluralidade. Adichie (2019), autora nigeriana, alerta sobre

os perigos de uma história única, já que essa narrativa se manifesta como uma ferramenta de poder e apagamento das múltiplas histórias de um povo.

É necessário, portanto, convocar a Psicologia para repensar suas abordagens psicológicas, seus saberes e fazeres tidos como universais e procurar acessar as outras narrativas, culturas, realidades sociais a fim de se fazer pluriversal e atender às multiplicidades. O processo de descolonização do saber e da prática do psicólogo possibilita acessar dimensões negadas pelo ocidente e permite novas formas de promover o cuidado e a saúde mental de pessoas negras. Um dos caminhos que se faz relevante é considerar epistemologias afrorreferenciadas na produção do conhecimento psicológico.

## 3. Epistemologias afrorreferenciadas como descolonização da Psicologia enquanto ciência e profissão

Como modo de se contrapor à hegemonia das Psicologias de bases epistemológicas eurocêntricas e "euroamericanas" (Nogueira, 2019, p.22), produzindo e reproduzindo práticas reducionistas, opressoras e racistas em um projeto de fundamentação teórico-metodológica de processos de colonização mentais e sociais, apresentaremos a influência de epistemologias afrorreferenciadas como convocação das Psicologias à construção de análises que respeitem as diferenças e as singularidades das pessoas negras africanas e em diáspora, em contraposição às posturas epistemicidas, universalizantes e etnocêntricas das Psicologias ocidentalizadas (Nascimento, 2009; Nogueira, 2019) que embasam o cenário psicológico no Brasil.

É importante que a perspectiva de uma epistemologia afrorreferenciada na Psicologia tem influência de autores como Molefi Kete Asante, Wade Nobles, Na'im Akbar nos Estados Unidos, Cheikh Anta Diop no Senegal, Fu-Kiau no Congo, Frantz Fanon, Aimé Cesáire, Édouard Glissant na Martinica e no Brasil autoras(es) como Virgínia Bicudo, Lélia Gonzalez, Neusa Santos Souza, Kabemgele Munanga, Isildinha Baptista, Maria Lúcia da Silva dentre outras(os). Apesar de uma consistência teórica baseada em décadas de pesquisa em suas diferentes áreas, estas(es) autoras(es) ainda são coadjuvantes e até inexistentes nos currículos de Psicologia, como marca de um epistemicídio e de uma formação em Psicologia ainda centrada em autoras(es) brancos e europeus.

A partir das considerações de Asante (2009) e Nobles (2009) sobre as pessoas africanas em seu processo de deslocamento, desafricanização, descarrilhamento, estabelece-se a afrocentricidade como uma proposta de consideração da dinâmica das pessoas negras em sua especificidade, respeitando suas histórias, ancestralidade, elementos culturais, sociais e cosmológicos. Como a última nação colonizada a abolir o sistema de escravidão, o Brasil ainda guarda em si processos sociais, políticos, culturais, econômicos e psicológicas baseados no racismo enquanto processo estrutural e estruturante da sociedade (Gonzalez, 2020).

No entanto, apesar deste processo estrutural as Psicologias hegemônicas ainda insistem em construir análises que desconsideram o primado do racismo na constituição das subjetividades, além de utilizar linhas teórico-metodológicas que se baseiam em processos de subjetivação europeus tornados universais pelas matrizes eurocêntricas de dominação e supremacia branco-europeia (Nogueira, 2019).

Nobles (2009) afirma de maneira contundente em seu texto *SAKHU SHETI: retomando e reapropriando um foco psicológico afrocentrado* que a Psicologia ocidental se mostra limitada em sua capacidade de compreender a experiência das pessoas negras,

legitimando um regime colonial que se utiliza, inclusive, dos próprios conceitos psicológicos para perpetuar mecanismos de exclusão, opressão e embranquecimento sob uma embalagem discursiva de uma Psicologia progressista que se preocupa com os direitos humanos.

Veiga (2019) afirma que no contexto brasileiro a Psicologia é branca e que sempre bebeu na fonte das referências da branquitude-patriarcal-europeia, com currículos impregnados de homens cis, brancos, europeus que construíram teorias e metodologias sobre intervenções psicológicas que foram traduzidas para o português e repassadas como modelos universais.

Nobles (2009) afirma que, apesar de avanços no campo das políticas públicas específicas para pessoas marcadas por processos de exclusão como pessoas negras, indígenas, mulheres, pessoas em situação de rua, ainda há inúmeras experiências de explicação e avaliação das pessoas negras com base em uma suposição de uniformidade da experiência psicológica, mas que no plano concreto funciona como apagamento de pautas constitutivas em nome de uma suposta *psique* pura.

Como proposta para este cenário, o autor supracitado propõe uma Psicologia Negra, que chama de "*Sakhu Sheti*" (p.279), não como de uma revisão ou modificação do pensamento europeu, mas uma busca consistente das raízes africanas que foram esquecidas (Kilomba, 2019) como projeto de desafricanização (Nobles, 2009, p. 281), inclusive podendo engendrar o desejo de máscaras brancas, ódio ao que pertence ao universo negro (Souza, 2021) ou "auto-ódio" (Veiga, 2019, p.246).

Baseando-se no princípio de *Sankofa,* podemos voltar e buscar novamente aquilo que ficou para trás por séculos de colonização e esquecimento a fim de resgatar processos subjetivos negados diante do colonialismo. Voltar e buscar as cosmologias e epistemologias que foram submetidas a um processo deliberado de epistemicídio é um caminho necessário, pois além de depreciar produções não-europeias e considerar como saberes desimportantes ou não-saberes em face da hegemonia da ciência positivista, submetem corpos negros a um esquecimento como modo de arrancar raízes (Kilomba, 2019). É necessária compreensão de que as subjetividades negras brasileiras se tratam de pessoas africanas em diáspora que passaram por um intenso processo de embranquecimento, apagamento de suas singularidades e submissão a uma imposição de normas, ideais, imagens, referências de um mundo branco como sinônimo de beleza, humanidade, dignidade (Gonzalez, 2021).

Racializar nosso olhar em relação aos fenômenos se faz necessário e necessita de um caminho suleado de valorização cultural, filosófica, estética, epistemológica, econômica e política das pessoas negras em suas raízes, a fim de possibilitar *transformação* social. Posto isso, as epistemologias afroreferenciadas na Psicologia não podem ser confundidas com uma perspectiva essencialista e até folclórica que despotencializa uma perspectiva epistemológica fundamental na construção de uma Psicologia e uma sociedade antirracistas.

Em um cenário de inconscientes com cor (I. Nogueira, 2021), experimentar um descentramento da ilusões de escutas neutras das escutas brancas para subjetividades negras por meio de uma perspectiva afrorreferenciadas se constitui como possibilidade de resistir às lógicas que conferem à Psicologia a condição de uma análise de processos psicológicos puros e às dinâmicas relacionadas às subjetividades negras uma exterioridade, como modo de atualizar as máscaras de silenciamento que determinam de maneira direta ou indireta o que será e o que não será dito (Kilomba, 2019).

Um exemplo desta construção de análises sobre as subjetividades negras está presente no livro *A Cor do Inconsciente: significações do corpo negro,* em que I. Nogueira (2021) empreende análises de processos psíquicos que envolvem pessoas negras, por exemplo: "a dissociação narcísica na imagem do corpo para o negro" (p.105), "a construção da imagem do corpo no negro: injunção ou sobreposição do racismo?" (p.115), "a criança negra e o espelho" (p.122), "a relação persecutória com o corpo negro" (p.124), "a vergonha de si e os processos autodestrutivos do negro" (p.126) em uma literatura psicanalítica (eminentemente europeia) que de fato dialoga com as questões negras no país.

Diante desse cenário, baseando-se em epistemologias afrorreferenciadas o psicólogo necessita promover letramento étnico-racial, acesso a literaturas negras, a fim de que haja a compreensão por parte da(o) negra(o) a respeito do contexto social de racismo estrutural ao qual foi submetido, além de conhecer também as narrativas de potencialidades africanas e afro-brasileiras, a fim de resgatar seus próprios valores e visões de mundo; um fortalecimento de sua identidade racial, a partir do processo de resgate de suas raízes e da possibilidade de tornar-se negro (Souza, 2021); Lorde (2013) aponta sobre a importância da experimentação do afeto de raiva represada, que possibilita deslocar o auto-ódio e construir uma identidade negra positiva Veiga (2019); Nobles (2009) sugere uma reafricanização e recentramento dos conhecimentos e experiências da(o) negra(o), através do iluminar o espírito e do resgate à ancestralidade; Nascimento (2006) aponta a importância de forjar espaços de aquilombamento que possam promover uma coletivização de experiências; Fu-Kiau (1991) aponta que a saúde mental está relacionada à manutenção do *kinenga* (estar em boa saúde) nos diversos âmbitos e que para se manter no centro de vitalidade e com alto poder de auto-cura e de equilíbrio é necessário estar atento a três categorias: o que somos ensinados, o que vemos e o que comemos; hooks (2000) reconhece a importância de possibilitar espaços de amor, diversão, afeto, carinho, atenção, estímulo à criatividade, a fim de que promova um autoconhecimento, autoestima e potencialização de si e Akbar (1996) aponta que é importante que aprendamos a nos celebrar confortavelmente, cantando a grandeza de nossas realizações e de nossos potenciais.

Epistemologias afrorreferenciadas se constituem, portanto, como as lentes teórico-metodológicas habilitadas para compreender a realidade das pessoas negras e suas vicissitudes, por questionarem o cenário de universalização da experiência europeia como produção e reprodução do etnocentrismo e da supremacia branca para empreender análises que partem da centralidade das experiências que envolvem desde os modos de subjetivação, expressão e opressão específicos da experiência do povo negro (S. Nogueira, 2019).

Ademais, afrorreferenciar as epistemologias psicológicas despontam como uma possibilidade de descolonização da Psicologia enquanto Ciência e Profissão. Descolonização surge como uma prática de resistência às múltiplas atualizações dos processos de colonização que se desdobram através de diferentes formas de racismo. A descolonização da Psicologia por meio de epistemologias afrorreferenciadas se torna fundamental em uma sociedade que não é suficiente que a Psicologia não seja racista, é necessário que a Psicologia seja antirracista e colabore na reconstrução, protagonismo, reequilíbrio e fortalecimento de pessoas negras.

## 4. Considerações Finais

Historicamente a Psicologia foi aliada do racismo científico e por muito tempo foi utilizada como justificativa e legitimação de subalternização, vulnerabilização, controle e inferiorização social de pessoas negras. Apesar de avanços no campo teórico e prático, sobretudo por esforços de setores progressistas na formação da Psicologia, na atuação e nos sistemas conselho, ainda observamos a preponderância de epistemologias de base eurocêntrica como fundamentação no campo da Psicologia.

Estudos de importantes autoras(es) como Nobles (2009), Akbar (1996), Fu-kiau (1991), Kilomba (2019), Veiga (2019) e S. Nogueira (2019) têm demonstrado a incapacidade de teorias europeias empreenderem análises sobre subjetividades negras que vivenciam processos de existência, sofrimento e resistência distintos da branquitude da qual se originam os estudos das Psicologias euroamericanas e a necessidade de outras epistemologias que possam auxiliar em termos teóricos e práticos. Dessa forma, o resgate de epistemologias afrorrerenciadas que foram apagadas pelo epistemicídio se constitui como tarefa essencial para a compreensão da subjetividade das pessoas negras e para a descolonização das Psicologias hegemônicas que produziram e produzem processos de silenciamento, embranquecimento, apagamento de pluriversalidades e de singularidades, exclusão e subalternização nas subjetividades negras.

Segundo o Código de Ética Profissional do Psicólogo em seu Art. 2º: "Ao psicólogo é vedado: a) Praticar ou ser conivente com quaisquer atos que caracterizem negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade ou opressão" (CFP, 2005, p.8) Assim como toda a sociedade brasileira, a Psicologia brasileira enquanto ciência e profissão precisa assumir sua dívida histórica pela produção e reprodução de racismos por meio de suas teorias e práticas, pelas atitudes coniventes com o racismo em suas múltiplas faces de discriminação, violência, opressão, exploração. Dessa forma, o reconhecimento da centralidade das epistemologias afrorreferenciadas para a compreensão coerente das subjetividades negras se constitui como tarefa urgente para a construção de uma Psicologia descolonizada e antirracista.

## REFERÊNCIAS

ADICHIE, C. N. **O perigo de uma história única**. Companhia das Letras, 2019.

ASANTE, M. K. Afrocentricidade: notas sobre uma posição disciplinar. In E. L. Nascimento (Org.), **Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora**. São Paulo: Selo Negro, 2009, pp. 93-110.

CFP, **Código de ética profissional do psicólogo.** Conselho Federal de Psicologia – CFP, Brasília: Brasil, 2005. https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2012/07/codigo-de-etica-psicologia.pdf

HOOKS, b. Vivendo de amor. In J. Werneck; M. Mendonça; E. C. White. (orgs.). **O livro da saúde das mulheres negras. Nossos passos vêm de longe.** Rio de Janeiro: Pallas: Criola, 2000, pp. 188-198.

FU-KIAU, K. Keeping balance and self- healing power. In **Self-healing Power and Therapy: old teachings from Africa**. Baltimore: Inprint Editions, 1991, pp. 71-87.

GONZALEZ. Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos.** 1. Ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2020, p. 346.

KILOMBA, Grada. **Memórias de plantação: episódios de racismo cotidiano.** 1 ed. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2019 .

LORDE, Audre . **Os usos da raiva: mulheres respondendo ao racismo.** Geledes, 2013. Recuperado de: https://www.geledes.org.br/os-usos-da-raiva-mulheres-respondendo-ao-racismo/

MORAES, M. J. D. Filosofia, ética e política de origem africana egípcia. Voluntas: **Revista Internacional de Filosofia**, 10, 2019, pp. 216-237. Recuperado de: file:///C:/Users/carla/Desktop/Outros/robertob,+(ARTIGO+CERTO)+Moraes,+Fil+egip.pdf

MUNDURUKU, D. Escrita indígena: registro, oralidade e literatura: O reencontro da memória. In: J. Dorrico; L. F. Danner; H. H. S. Correia & F. Danner (Orgs.). **Literatura Indígena Brasileira contemporânea: criação, crítica e Recepção**, Porto Alegre: Fi. 2018, pp. 81-84.

NASCIMENTO, B. O conceito de quilombo e a resistência cultural negra. In: Ratts, A. **Eu sou atlântica: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento.** São Paulo: Instituto Kuanza, 2006, pp. 117-125.

NASCIMENTO, E. L. O olhar afrocentrado: introdução a uma abordagem polêmica. In E. L. Nascimento (Org.), **Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora,** São Paulo: Selo Negro, 2009, pp. 181-196.

NJERI, A.; AZIZA, D. Entre a fumaça e as cinzas: estado de maafa pela perspectiva mulherismo africana e pela Psicologia africana. **Problemata: Revista Internacional de Filosofia, 11**(2), 2020, pp. 57-80.

NOBLES, W. Sakhu Sheti: retomando e reapropriando um foco psicológico afrocentrado. Em EL Nascimento (Org.). **Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora,** São Paulo: Selo Negro, 2009, pp. 277-298.

NOGUEIRA, I. B. **A Cor do Inconsciente: significações do corpo negro.** São Paulo: Editora Perspectiva, 2021

NOGUEIRA, S. G. **Libertação, descolonização e africanização da Psicologia: breve introdução à Psicologia africana**, São Paulo: EdUFSCAR, 2019.

OLIVEIRA, E. **A ancestralidade da encruzilhada: dinâmica de uma tradição inventada.** Coleção X (Organização: Rafael Haddock-Lobo). 1 ed. Rio de Janeiro: Ape´Ku, 2021.

SCHUCMAN, L. V. A Psicologia e o Discurso Racial sobre o Negro: do "Objeto da Ciência" ao Sujeito Político. **Psicologia: Ciência e Profissão,** v. 37 (núm. esp.), 2017, pp. 172-185. https://doi.org/10.1590/1982-3703130002017

SOUZA, J. T. D. **Do mito da democracia racial à crítica do racismo nas práticas psicológicas: a importância de uma Psicologia antirracista.** (Trabalho monográfico). Universidade Federal Fluminense, Volta Redonda, Rio de Janeiro, Brasil, 2018.

SOUZA, N. S. **Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social***.* Rio de Janeiro: Zahar, 2021, 171p.

VEIGA, L. M. Descolonizando a Psicologia: notas para uma Psicologia Preta. **Fractal: Revista de Psicologia***,* 31, 2019, pp. 244-248. Recuperado de: https://doi.org/10.22409/1984-0292/v31i_esp/29000